

MARTÍNEZ FERRER, Luis; NOCCA, Marco, dir. – *“Coisas do outro Mundo”: a Missão em Roma de António Manuel, Príncipe de N'Funta, conhecido por “o Negrita” (1604-1608), na Roma de Paulo V. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2003. 143 p.*

Entre os dias 30 de Junho e 6 de Julho de 2003 realizou-se uma Exposição documental no Museu Nacional de Antropologia de Luanda. O tema dessa Exposição foi a empresa do primeiro embaixador oficial dum reino cristão da África Negra perante a Santa Sé, isto é: do embaixador de Álvaro II, rei do Congo entre 1587 e 1614 (naquele então o reino do Congo ocupava sensivelmente os territórios do norte da actual Angola). O livro que apresentamos é o catálogo dessa exposição. Excepto umas poucas páginas iniciais, que são escritas em italiano (pp. 8, 12-14), o resto do livro está escrito em português.

Entre 1604 e 1608, o embaixador do reino do Congo, o nobre António Manuel Ne Vunda, às vezes chamado N'Funta e conhecido em Itália como “o Negrita”, realizou uma viagem que o levou ao Brasil, a Portugal, Espanha e Itália, até chegar ao seu destino, Roma, nos primeiros dias de 1608, muito debilitado devido às doenças e às dificuldades da viagem. O Papa Paulo V (1605-1621) tinha preparado com muito cuidado o acolhimento desta personagem; na embaixada do Negrita via a catolicidade africana que desejava aumentar os seus laços com a Santa Sé, apesar das fortes mediações políticas das potências ibéricas. O embaixador Ne Vunda entrou nos palácios vaticanos gravemente doente, e o Papa teve de o conhecer nada menos que no leito da morte, na noite da Epifania de 1608.

Apesar de que a viagem de Ne Vunda era conhecida e tinha merecido a atenção de não poucos estudiosos, entre os que se destacam F. Bontinck, J. Cuvelier – L. Jadin, A. Brasio, T. Filesi, D. Zuazua, A. Cardoso (cfr. bibliografia realizada por Elisabetta Cibò nas pp. 139-143), o trabalho que apresentamos tem algumas novidades de interesse, que indicaremos à medida que forem aparecendo no nosso comentário à estrutura do livro. Este, está dividido em seis secções. As duas primeiras apresentam, respectivamente, as palavras de saudação do Presidente da República de Angola e uma introdução do embaixador de Itália em Angola, que patrocinou a Exposição. No corpo do livro encontramos três estudos que dão elementos para poder enquadrar e apreciar melhor os objectos e documentos expostos. O primeiro estudo é de Joseph B. Ballong-Wen-Mewuda, que trata das “Origens do cristianismo no antigo reino do Congo” (pp. 15-22). O Dr. Ballong, da Pontifícia Universidade Urbaniana, fala da chegada do Evangelho ao reino do Congo em 1482, através dos navegantes portugueses, do grandioso período do rei Afonso I (1506-1543), e da situação do reino nos tempos imediatamente anteriores ao envio de Ne Vunda a Roma, sublinhando que durante o reinado de Álvaro II, o Papa Clemente VIII tinha erigido a diocese de São Salvador na capital do reino, Mbanza-Congo, em 1596.

O segundo estudo é de Luís Martínez Ferrer, da Pontifícia Universidade da Santa Cruz: “Álvaro II do Congo e Paulo V Borghese: de África a Roma através de Negrita” (pp. 23-53). Além de ter em conta a abundante bibliografia existente, Martínez Ferrer explorou a nova documentação do Arquivo Secreto Vaticano, que permitiu chegar a novos elementos: a vida cristã pessoal do embaixador africano, que deixou admirados a todos aqueles que o conheceram, e o papel crucial que alguns carmelitas espanhóis tiveram na viagem de Ne Vunda, desejosos duma aprovação civil e eclesiástica para missionar nas terras do Congo.

O terceiro e último estudo é de Marco Nocca, da Academia de Belas Artes de Nápoles: “O olhar sobre o outro. A imagem do negro na arte européia até à chegada de Negrita a Roma (1608)” (pp. 55-94). Seguindo alguns autores de vanguarda, Nocca mostra a dupla concepção do negro africano na arte europeia: por um lado, o negro escravo, protótipo da humanidade humilhada e vexada e, por outro, o negro nobre, que mostra a humanidade negra elevada aos mais altos níveis. A figura essencial desta visão positiva do negro na arte é o rei mago Baltasar, que ocupa cada vez mais o lugar de relevo nas representações artísticas. Graças a umas gravuras inéditas descobertas por Nocca e Martínez Ferrer na Biblioteca Angélica de Roma, o leitor pode comprovar como existiu uma percepção artística em Roma, no momento da chegada do Negrita, de que este homem era um exemplo claro do “rei mago” que vinha adorar o Menino de Belém.

Depois destes três estudos, encontramos uma série de textos explicativos assinados por M. Nocca (o segundo também está assinado por G. Aragazzini) onde se mostram as fotografias de nove obras de arte directamente relacionadas com a embaixada de Ne Vunda. As mais interessantes são as duas últimas, que mostram as gravuras às quais já nos referimos – inéditas até agora. O leitor menos avisado surpreende-se da quantidade de obras de arte inspiradas na embaixada de Ne Vunda e que se encontram nalguns dos principais edifícios de Roma (Basílica de Santa Maria Maior, Museus Vaticanos, Biblioteca Apostólica Vaticana, Palácio do Quirinal). Depois os directores deste catálogo apresentam três documentos importantes (pp. 128-138) que se podiam apreciar na exposição de Luanda (facsimil). São eles uma carta do rei Álvaro II ao Papa Clemente VII (São Salvador do Congo, 3-VII-1604), uma carta original de António Manuel Ne Vunda ao Papa Paulo V (Madrid, 28-X-1606), com a assinatura autógrafa do embaixador, e uma carta do carmelita Pedro de la Madre de Dios a António Manuel Ne Vunda (Roma, 24-VI-1607). De cada documento há uma fotografia e uma transcrição e tradução em português, se o original foi escrito noutra língua. Para entender o contexto é útil ir ao estudo de Martínez Ferrer. Também parece importante sublinhar que estes três documentos estão no fundo do Arquivo Secreto Vaticano *Misc. Arm.* I, 91, que até agora não foi estudado. Lamentamos que no terceiro documento haja um erro na fotografia, que pertence a um documento diferente. Enfim, o volume que comentamos termina com a bibliografia.

No seu conjunto, estamos perante um livro pequeno mas interessante. Trata-se dum testemunho documental de que no início do século XVII, e vencendo muitas dificuldades, um pequeno grupo de cristãos do Congo chegou a Roma para manifestar ao Papa que a cristandade daquelas terras e daquela cultura queria ter um lugar no conjunto das nações cristãs.

*Miguel de Salis Amaral*

*QUANDO os frades faziam História: de Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos.* Dir. de José Adriano de Freitas Carvalho. Porto: Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2001. 178 p.

O título em epígrafe corresponde a uma colectânea de ensaios bastante informados e minuciosos em torno da cronística religiosa portuguesa dos séculos XVI e XVII, época de profundas metamorfoses nos padrões histórico-culturais e espirituais das Ordens Religiosas estabelecidas no País. Metamorfoses que são, substancialmente, verdadeiros renascimentos e refundações do complexo tecido eclesiástico regular europeu e português.